O FÓRUM DE MULHERES EM LUTA DA UFPB: VISIBILIZANDO DESIGUALDADES NA SOCIABILIDADE DAS MULHERES NA UFPB

Mônica Vilaça (*Universidade Federal da Paraíba - Fórum Mulheres em Luta da UFPB. E-mail: monicavilaca2@yahoo.com.br*)

Tânia Melo Neiva (*Fórum Mulheres em Luta da UFPB. E-mail: taniamelloneiva@gmail.com*)

Juciane de Gregori (*Universidade Federal da Paraíba - Fórum Mulheres em Luta da UFPB. E-mail: juciane.psicologia@gmail.com*)

Joana Maia (*Universidade Federal da Paraíba - Fórum Mulheres em Luta da UFPB. E-mail: hablecomjoana@gmail.com*)

Resumo: Em 2017, com a greve internacional de mulheres mobilizada em mais de 50 países, na América Latina várias bandeiras e lutas confluíram para denunciar os altos índices de feminicídio e violências enfrentados pelas mulheres. As mulheres da UFPB participaram das ações do 8 de março junto aos demais movimentos de mulheres da Paraíba e esta articulação provocou a construção de uma agenda de ações que levou ao I Seminário Mulheres e Universidade: por uma política institucional de combate às opressões. Este seminário reuniu mulheres estudantes, trabalhadoras, militantes e demais mulheres que se relacionam com a UFPB de todos os seus campis, que refletiram sobre suas vivências no espaço universitário. As trocas de experiências entre as mulheres revelaram um ambiente cotidiano de violências e assédio, que assumiu uma centralidade levando-as a consolidarem uma articulação, o Fórum de Mulheres em Luta da UFPB. O Fórum tem-se definido como uma estratégia de auto-organização das mulheres, feminista – considerando o diálogo entre os diversos feminismos que nele convivem, que busca na formação política, na sororidade e no autocuidado articular relações de militância entre as mulheres. O Fórum é um espaço que acumula a trajetória de organização de mulheres no espaço da UFPB e vem somando na luta das mulheres negras, transexuais, lésbicas e bissexuais, assumindo o protagonismo nos diálogos entre as pautas construídas pelas mulheres junto a Universidade. Este movimento de diálogos e organização tem permitido constatar e refletir o quanto são complexas as opressões nas experiências das mulheres que ocupam ambientes universitários.

Palavras chaves:
Fórum de Mulheres em Luta da UFPB; auto-organização de mulheres; mulheres; Universidade.

INTRODUÇÃO

Neste artigo buscaremos refletir sobre as práticas e vivências do Fórum de Mulheres em Luta da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, considerando o contexto em que surge, e, como sua organização tem problematizado as condições de sociabilidade das mulheres, quanto a suas experiências, produções e organização no espaço institucional acadêmico.

O Fórum de Mulheres em Luta da UFPB surge em 2017, no âmbito das mobilizações internacionais do 8 de Março (8M) que assumiu enquanto estratégia a paralisação ou greve internacional de mulheres. Esta greve envolveu a articulação de um grande número de entidades e

movimentos feministas de forma mais expressiva em cerca de 50 países levando às ruas a denúncia e o enfrentamento ao feminicídio e a violência, pela defesa de recursos e bens naturais, pelos direitos e segurança das mulheres migrantes e refugiadas, pela descriminalização do aborto e pelos direitos reprodutivos, contra o racismo a LGBTfobia dentre tantas outras reivindicações. Estas denúncias e exigências articularam-se em torno de uma ressignificação da 'greve' enquanto instrumento de luta, de tal forma que a paralização estabeleceu-se a partir da inclusão de mulheres em realidades extremamente diversas como a do trabalho formal e informal, doméstico e de cuidados. A paralisação de mulheres no 8 de março provocou uma articulação de uma heterogeneidade de narrativas, conflitos e feminismos (KOROL, C. GAGO, V. 2017).

Ao ocuparem as ruas as mulheres problematizaram uma esfera invisível de trabalho fundamental para a reprodução da vida em que atuam de forma gratuita e precarizada, assim como, afirmaram o protagonismo que vem assumindo neste período em que movem-se as engrenagens da economia e da política para recuar em direitos e garantias sociais. A presença diversa das mulheres aponta para os acúmulos que a luta feminista vem construindo ao longo da história e que se apresentaram no dia 8 de março de 2017, e mais recentemente no 8 de março de 2018, como uma novas dinâmicas de organização e ação em um plano internacionalista.

O somatório de lutas em torno do 8 de março em 2017 foi significativo, pois implicou na mobilização de mulheres com trajetórias e experiências diversas, provocando diálogos que se traduziram em projetos e novas redes que abriram caminhos para novas articulações de mulheres. Na UFPB as mulheres se organizaram para participar das atividades do 8 de março através da Articulação de Mulheres da UFPB – que viria em maio, após audiência pública com a Reitora e apresentação de um conjunto de demandas das mulheres da UFPB, a consolidar-se enquanto Fórum de Mulheres em Luta pela UFPB.

Figura 1 - Articulação de Mulheres da UFPB na Greve Internacional de Mulheres no 8 de Março de 2017

Este processo culmina na mobilização e organização do I Seminário Mulheres e

Universidade, que colocou em evidência o conjunto de desigualdades e opressões específicas vivenciadas pelas mulheres no ambiente institucional da Universidade. Este é o diálogo que realizaremos considerando as elaborações, reflexões e vivências das mulheres neste espaço de auto-organização.

METODOLOGIA

Para a construção deste artigo utilizaremos como fontes de análise relatórios e documentos produzidos a partir de atividades realizadas pelo Fórum de Mulheres em Luta da UFPB desde o início de sua articulação, assim como registros fotográficos compreendendo que as fotografias trazem um dado polissêmico para a análise, ou seja, não existiria apenas uma imagem em si, ela não congela um tempo ou uma informação, mas ela contribui na tessitura de uma história. Nas fotografias buscamos expressões do cotidiano e da incerteza que ajudam a narrar as experiências das mulheres nas dinâmicas do Fórum (MARTINS, J. 2013).

MULHERES E UNIVERSIDADE

Finda a greve geral do 8 de março, o espaço criado pelas mulheres na UFPB manteve-se engajadas. Após debates e plenárias, as mulheres decidiram por dinamizar uma agenda de mobilizações em todos os campis da UFPB. O que significou a realização de cerca de 50 atividades nos campi I, II, III e IV, no decorrer do mês de março de 2017, com apresentações culturais, palestras, oficinas, exposições, exibição de filmes, rodas de diálogo, oficinas de cartazes, panfletagens, aulas públicas, dentre outras manifestações. Como resultado destas atividades as falas das mulheres evidenciaram a necessidade de aprofundar as reflexões sobre as diversas formas de opressão vivenciadas pelas mulheres. Neste contexto organizou-se o I Seminário Mulheres e Universidade com o tema ‘por uma política institucional de combate as opressões’

Este seminário estruturou-se em torno de seis Grupos de Trabalho (GTs) que desenvolveram seus diálogos em torno dos seguintes eixos temáticos:

- Segurança e violência contra as mulheres;
- Assistência estudantil e a garantia de estudo e de trabalho para as mulheres;
- Lesbofobia, Bifobia e Transfobia;
- Trabalho, participação e representação em espaços de poder;
- Mulheres Negras e a universidade;
- Mulheres Indígenas e a universidade;

É importante destacar que os grupos buscavam garantir a pluralidade de experiências e lugares ocupados pelas mulheres, representadas por estudantes, professoras, servidoras, terceirizadas, trabalhadoras que atuam em pequenos negócios ou serviços nos campi e demais mulheres que convivem no espaço da Universidade. Além da visibilização das mulheres negras e indígenas, assim como das mulheres lésbicas, bissexuais e transexuais o que estabeleceu desde sua constituição a necessidade de configurar o evento como espaço plural e de diálogo com os diversos feminismos. Esta compreensão serviu como base para a elaboração dos princípios de organização política do Fórum de Mulheres da UFPB, os quais serão apresentados mais à frente.

Figura 2 - I Seminário Mulher e Universidade, março de 2017

Os Grupos de trabalho tornaram-se espaços de escuta e registro de denúncias e propostas, o que permitiu as mulheres coletivamente definirem que, "as mulheres vivenciam um cotidiano de violência, assédio moral e sexual, promovido por docentes, discentes, servidores e mesmo por seguranças da instituição, e que estas situações são fortemente marcadas pelo preconceito relacionado à raça, etnia, identidade de gênero e orientação sexual" (RELATÓRIO DO I SEMINÁRIO, 2017). Estas constatações estabelecem uma percepção acerca da omissão, ausência e silêncio institucional através da ausência de canais efetivos de denúncia e de ações para prevenir e enfrentar situações de violência dirigidas às mulheres no meio universitário.

O relatório produzido trouxe 44 denúncias e 102 propostas elaboradas nos seis grupos de trabalho. As denúncias giraram em torno de questões referes à racismo institucional, preconceito, assédio, sub-representação, epistemicídio das produções intelectuais não hegemônicas, maternidade e carreira, não acolhimento de mulheres e crianças na Universidade, desigual divisão de trabalho acadêmico, ausência de debates de gênero na academia e de espaços de denúncias, desrespeito ao uso do nome social, e poucas mulheres na segurança. Já as propostas de reivindicação apresentadas discutiam, dentre questões mais gerais e abrangentes, a criação de ouvidoria específica e espaço de atendimento a mulheres em situação de violência, formações temáticas para servidoras e servidores, ampliar creches e

brinquedoteca, criar uma política de gênero para a Universidade, acesso ao Hospital Universitário, construir dados desagregados por sexo sobre participação e gestão da UFPB, criar ações de enfrentamento ao racismo institucional.

Este espaço de diálogos e reflexão resultou em um Relatório de onze páginas que foi apresentado em audiência pública a Reitora da UFPB, Professora Margareth Diniz em abril de 2017. Neste momento fortaleceu-se para as mulheres a necessidade de manterem sua organização como forma de incidir no espaço da UFPB considerando que, sendo este um lugar privilegiado de produção de conhecimentos, encontrava-se atravessado por desiguais condições e opressões específicas para a permanência das mulheres, apresentando uma estrutura que contribui com a reprodução de relações de opressão de sexo, classe e raça.

Após o I seminário as mulheres avançaram em sua organização e deliberaram coletivamente a criação do espaço nomeado como Fórum de Mulheres em Luta da UFPB, uma organização política feminista, auto-organizada, autônoma e deliberativa, tendo como objetivos:

- Acolher e integrar mulheres que estudam, trabalham e convivem na UFPB com base na auto-organização e autonomia;
- Fomentar um espaço de articulação, proposição e intervenção política para o enfrentamento às diversas formas de iniquidade, opressão, exploração e violência contra as mulheres na UFPB e também na sociedade;
- Fomentar, articular e propor políticas para mulheres na UFPB;
- Representar as demandas e pautas das mulheres auto-organizadas do Fórum na UFPB e na sociedade;
- Fortalecer o movimento de mulheres da Paraíba;
- Promover formações políticas continuadas.[1]

O Fórum ao reconhecer a partir do primeiro seminário a pluralidade de experiências das mulheres da UFPB estabelece que a participação é aberta às mulheres que estudam, trabalham e convivem na UFPB, que se coadunam com os seus princípios e objetivos e que se comprometam com a efetivação de suas ações e fortalecimento. Desta forma tem-se organizado em Plenárias auto-organizadas, convocadas por uma coordenação política

[1] Estes objetivos estão presentes no Manifesto Feminista do Fórum de Mulheres em Luta da UFPB publicado em 2018 em formato digital e impresso.

que vem assumindo as tarefas de organização, mobilização e representação do Fórum.

Considerando a definição organizativa e os objetivos do Fórum, são estabelecidos como princípios necessários: considerar a presença dos diversos feminismos; é um espaço de auto-organização, logo, constrói-se a partir da ação exclusiva das mulheres; reivindica a autonomia na relação com espaços e entidades; e, compreendendo as diversas formas de opressão luta e reivindica a **e**quidade de gênero, raça, etnia, religião e crenças, diversidades sexuais e deficiências; compreende a sororidade e o autocuidado como estratégicos para o fortalecimento da ação política das mulheres, assim como a necessidade de uma permanente agenda de formação política.As mulheres desde 2017 à 2018 participaram ativamente de diversas mobilizações e atividades, assim como, realizaram plenárias organizativas regularmente que mantiveram a articulação das mulheres na UFPB. O Fórum também tornou-se espaço para acolher denúncias de assédio e violências fortalecendo um cotidiano de apoio mútuo e resistência. Para além da efetivação do Fórum enquanto coletivo feminista, os resultados desde o primeiro seminário estabeleceram negociações que se refletiram na conquista de um *Comitê de políticas de prevenção e enfrentamento à violência contra as mulheres na UFPB*, que foi oficializado em 28 de setembro de 2018.

Figura 3 – I Ocupa Praça Feminista – Campus I da UFPB 2017

Figura 4 – Participação no Ato em memória de Marielle Franco - Março 2018

Figura 5 - Assembleia Mundial de Mulheres, Salvador, março de 2018

Figura 6 - Plenária do Fórum de Mulheres da UFPB

II Seminário Mulheres e Universidade

O II Seminário Mulheres e Universidade, com o tema *Juntas contra o Racismo, o Machismo e a LBTfobia*, foi realizado em julho de 2018 e construiu-se com o envolvimento de um grande número de mulheres da UFPB.

Figura 7 - Marca do II Seminário criada pela artista Maju

Este processo foi marcado por um intenso exercício de aprendizado coletivo: compartilhar tarefas, construir soluções, enfrentar divergências, construir finanças coletivamente – coube ao conjunto das mulheres resolver no diálogo e na escuta as dificuldades e os conflitos que se apresentaram. O seminário aconteceu em dois dias de atividade o que permitiu a realização de quinze oficinas temáticas, facilitadas por mulheres, buscando problematizar o cotidiano, as subjetividades, o corpo e o enfrentamento às violências.

Figura 8 - Oficina de Ginecologia Feminista

Durante a programação também ocorreram apresentações artísticas que buscavam trabalhar a sensibilização sobre as várias questões envolvendo tanto as opressões e explorações vivenciadas pelas mulheres como os processos de enfrentamento, resistência e empoderamento.

Figura 9 - Performance de Fernanda na abertura do II Seminário Mulheres e Universidade

Este segundo seminário buscou avançar na organização das mulheres e estabeleceu que todos os Grupos de Trabalho partiriam de um conjunto comum de eixos para as discussões. Definiu-se por três eixos orientadores: a formação para as mulheres, a construção de uma agenda

feminista, e políticas e orientações para o Comitê de políticas de prevenção e enfrentamento à violência contra as mulheres na UFPB. Para o funcionamento dos Grupos de Trabalho foram construídas orientações entregues as coordenadoras e relatoras dos grupos, elementos para ambientação e mística de forma a mobilizar as subjetividades presentes para os trabalhos, bem como textos problematizadores para cada eixo de trabalho.

Figura 10 - Grupo de trabalho no II Seminário Mulheres e Universidade

A plenária final recebeu trinta e três propostas produzidas nos Grupos de Trabalho e datas pensadas para o calendário de ações do Fórum. O eixo da formação apresentou propostas para a formação das mulheres do Fórum, para a incidência junto a UFPB quanto as temáticas relativas a gênero, opressões, desigualdades, racismo, e LBTfobia, assim como a necessidade de reconhecer a construção de conhecimentos realizada pelas mulheres.

Figura 11 - Plenária final do II Seminário Mulheres e Universidade

CONCLUSÕES

O percurso de organização do Fórum de Mulheres em Luta da UFPB tem caminhado por uma estratégia de construção cotidiana e coletiva que estabelece as dimensões políticas de sua formação. O exercício pedagógico de escuta entre as mulheres para a construção de seus diversos espaços e ações apresenta-se como importante fundamento pedagógico para a produção coletiva de conhecimentos na organização do Fórum. Sua ação pela transformação do território em que incidem, vivem e constroem suas vidas tem-se dado por um intenso processo de auto-organização feminista que reconhece e afirma a diversidade das mulheres presentes na Universidade Federal da Paraíba.

Se a organização e a formação feminista devem apontar novas interpretações da realidade e assim, construir novas possibilidades para a

realidade ela exige uma prática coerente que se apoie em princípios contestatórios das práticas hegemônicas fundadas na desigualdade e opressão. A articulação do Fórum de Mulheres em Luta da UFPB nasce nos diálogos das greves internacionais de mulheres em 2017, mas é importante destacar que este nascer recupera e articula a militância de diversas mulheres na UFPB, assim como fortalece a ação das mulheres da Paraíba, do Nordeste e do Brasil. O Fórum cria novas possibilidades para a ação feminista já presente na UFPB em diversos núcleos, espaços de representação, e coletivos que já se organizavam em torno de pautas feministas.

REFERÊNCIAS

FORUM DE MULHERES DA UFPB. Seminário Mulheres e Universidade: Por uma política institucional de combate às opressões. Relatório Final: João Pessoa, 2017.

GAGO, VERÔNICA. #8M: Rosa Luxemburgo marcha junto a nosotras. Punto de debate. Buenos Aires, março 2017, nº 11, p 2 – 5.

KOROL, CLAUDIA. #8M "Quien no se mueve no siente las cadenas". Punto de debate. Buenos Aires, março 2017, nº 11, p 6-12.

SILVA, CARMEN. Os sentidos da ação educativa no feminismo. In: _____. Experiências em pedagogia feminista. Recife : SOS Corpo, 2010, p. 19 – 23.